

O PROBLEMA DO TESTEMUNHO: UMA ANÁLISE DA ALTERNATIVA DO DUALISMO DE J. LACKEY AO DEBATE REDUCIONISTA E NÃO-REDUCIONISTA

Ubirajara Theodoro Schier¹

RESUMO: O debate clássico do problema do testemunho gira em torno das abordagens reducionistas e não-reducionistas. Enquanto os reducionistas argumentam que o testemunho não pode ser considerado uma fonte epistêmica independente, os não-reducionistas defendem o contrário. Jennifer Lackey propõe uma abordagem dualista, que combina elementos de ambas as perspectivas. Tem-se como objetivo verificar se sua teoria escapa às objeções do debate clássico, bem como às novas objeções. Como metodologia, realizou-se uma revisão dos conceitos fundamentais destas três abordagens, agrupando os diferentes tipos de testemunhos em quatro resultados epistêmicos possíveis. Como resultado, foi proposto uma abordagem integrativa e complementar para atender as objeções remanescentes.

Palavras-chave: Epistemologia do testemunho; Jennifer Lackey; Problema do testemunho.

ABSTRACT: The classic debate on the problem of testimony is surrounded by reductionist and non-reductionist approaches. While reductionists argue that testimony cannot be considered an independent epistemic source, non-reductionists argue the opposite. Jennifer Lackey proposes a dualistic approach, which combines elements from both perspectives. The objective is to verify whether its theory escapes the objections of the classical debate, as well as new objections. As a methodology, a review of the fundamental concepts of these three approaches was carried out, grouping the different types of testimonies into four possible epistemic results. As a result, an integrative and complementary approach was proposed to address the remaining objections.

Keywords: Epistemology of testimony; Jennifer Lackey; Testimony problem.

Introdução

Este artigo explora a epistemologia do testemunho, focando em como adquirimos conhecimento por meio de testemunho e relatos de terceiros. O problema central abordado é conhecido como o "problema do testemunho", e lida com as condições sob as quais devemos ou não aceitar o testemunho de outras pessoas como única fonte confiável de conhecimento epistêmico. As origens desse tema filosófico remontam às assertivas de David Hume em sua obra *Investigações sobre o Entendimento Humano*, de 1748, e de Thomas Reid em sua obra *Uma Investigação sobre a Mente Humana: Princípios do Senso Comum*, de 1764. Destes

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2643-9268>. E-mail: ubirajara.schier@gmail.com.

autores, respectivamente, originaram as abordagens reducionista e não-reducionista. A distinção fundamental entre as abordagens reside em considerar o testemunho como uma fonte epistêmica suficiente e independente - abordagem não-reducionista -, ou se são necessárias outras fontes epistêmicas não testemunhais para verificar a veracidade do testemunho - abordagem reducionista.

Atualmente, a discussão em torno desse tema tem ganho atenção crescente devido aos desafios decorrentes da disseminação generalizada de desinformação por meio de recursos tecnológicos digitais, como as famosas *fake news*, disseminadas por aplicativos de mensagens eletrônicas e redes sociais digitais (tendo sido monitoradas com vigor pelo Tribunal Superior Eleitoral durante as eleições presidenciais de 2018). Apesar dos desafios apresentados por esse cenário, é inegável que uma das maneiras pelas quais adquirimos conhecimento é por meio do testemunho que recebemos de outras pessoas.

Entretanto, filósofos contemporâneos como Jennifer Lackey, Katty Lehrer, Duncan Pritchard e Elizabeth Fricker têm apresentado diferentes concepções sobre a relação entre conhecimento e testemunho, resultando em propostas híbridas como solução para o problema, incorporando tanto aspectos do reducionismo quanto do não-reducionismo. O objetivo deste artigo é analisar a teoria dualista de Lackey (2008), confrontando-a com as objeções enfrentadas pelo reducionismo e pelo não-reducionismo. Além disso, examinarei se sua teoria compreende todas as situações epistêmicas nas quais adquirimos conhecimento por meio de testemunhos de outras pessoas.

Minha hipótese é que a teoria dualista híbrida de Lackey (2008), ao combinar elementos das abordagens reducionista e não-reducionista, permanece suscetível a objeções que poderiam ser mais bem resolvidas ao abraçar uma abordagem integrativa e complementar que possa unir essas duas perspectivas.

O problema do testemunho nas abordagens clássicas e contemporâneas

Para esta análise, estruturei minha abordagem a partir da definição de Green (2023), na qual o problema do testemunho pode ser representado por "T diz p para S", sendo "T" a testemunha, "p" o conteúdo testemunhado e "S" o sujeito epistêmico. Portanto, apresentarei a representação "T diz p para S" como uma relação epistêmica, na qual ocorre uma tentativa de transferência de conhecimento epistêmico p entre uma testemunha T e o sujeito epistêmico S. S por sua vez avalia tanto a confiabilidade de T como também a veracidade do conteúdo

testemunhado p - que resulta na avaliação que este faz em relação ao testemunho recebido (AV) -, com o propósito de deliberar sobre sua aceitação ou rejeição.

Ao representar T e p como variáveis sujeitas à avaliação de S, agrupo os diferentes tipos de situações epistêmicas em quatro conjuntos de situações epistêmicas resultantes (SER), que apresento na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 — Representação lógica dos 4 conjuntos de situações epistêmicas resultantes da avaliação testemunhal de T e p feita por S.

SER	T	p	AV
1	F	V	S aceita o testemunho sustentado somente por p
2	V	F	S aceita o testemunho sustentado somente por T
3	V	V	S aceita o testemunho sustentado por T e por p
4	F	F	S rejeita o testemunho por não encontrar sustentação em T e p

Fonte: O autor (2023).

SER1: "S aceita o testemunho sustentado somente por p" e o reducionismo humeano

SER1 descreve situações em que S aceita um testemunho apenas com base no conteúdo p, independentemente da credibilidade da testemunha T. Essas situações incluem casos em que se torna difícil para S verificar a fonte de uma informação, como no contexto das *fake news* mencionadas anteriormente, ou quando alguém sem especialização em uma área específica oferece informações técnicas, como ocorreu durante a pandemia de COVID-19 (quando profissionais não especializados em infectologia divulgavam opiniões técnicas sobre o tema). Em ambas as situações, S não possui razões sólidas para confiar no testemunho do informante T, sendo necessário recorrer a outras fontes epistêmicas confiáveis para verificar a veracidade do que está sendo testemunhado. Nestes casos, a aceitação do testemunho se baseia exclusivamente no conteúdo p, alinhando-se assim com a perspectiva do reducionismo humeano. Conforme afirmou Hume (2003):

Aplicando agora esses princípios a um caso particular, observemos que nenhuma espécie de raciocínio é mais comum, mais útil e mesmo mais necessária à vida humana que a que deriva do relato das pessoas e dos depoimentos de espectadores e testemunhas oculares. [...] Basta observar que nossa confiança em qualquer argumento desse tipo não deriva de outro princípio que não nossa observação da veracidade do testemunho humano e

da conformidade habitual entre os relatos de testemunhas e os fatos. [...] Dado que é uma máxima geral que não há conexão discernível entre quaisquer objetos, e que todas as inferências que fazemos de um a outro desses objetos fundam-se meramente na experiência que temos de sua conjunção constante e regular, é evidente que não devemos abrir uma exceção a essa máxima para favorecer o testemunho humano, cuja conexão com qualquer acontecimento parece, em si mesma, tão pouco necessária quanto qualquer outra (HUME, 2003, p. 156).

Para Hume, o relato de um testemunho não possui uma conexão direta com os fatos. Por esse motivo, ele não pode ser considerado, por si só, uma fonte epistêmica válida para a aquisição de conhecimento. No entanto, esta visão de Hume não se restringe apenas aos relatos testemunhais, mas, também, a qualquer outra fonte epistêmica que não tenha uma conexão intrínseca com os fatos. Em função disso a aceitação de um testemunho está condicionada à sua verificação e concordância com outras fontes epistêmicas que possam validar sua veracidade. Além disso, essas outras fontes epistêmicas não podem depender, por sua vez, de outros testemunhos para que o testemunho original possa ser aceito como válido. Sendo assim, a veracidade de um testemunho, de acordo com a perspectiva de Hume, se reduz à veracidade de outros tipos de fontes epistêmicas não-testemunhais, dando origem à expressão "reducionismo de Hume".

O reducionismo de Hume também é enfatizado por Lehrer (2006), onde a afirmação de uma pessoa só constitui evidência para a verdade se houver razões indutivas, diretas ou indiretas, que apoiem o que a pessoa está alegando. Nick (2023) e Lackey (2008) explicam que o reducionismo humeano envolve duas teses principais: a tese das "razões positivas" e a tese "reducionista". A primeira tese argumenta que é necessário existirem razões positivas não-testemunhais para sustentar a confiabilidade de um testemunho. A segunda tese, derivada da primeira, conclui que o testemunho se torna uma fonte epistêmica dependente de outras fontes epistêmicas não-testemunhais, reduzindo assim sua importância.

Em resumo, SER1 aborda situações em que a aceitação do testemunho se baseia exclusivamente no conteúdo p devido à falta de razões para confiar na testemunha de T. Essa perspectiva está alinhada ao reducionismo humeano, que argumenta que a veracidade de um testemunho depende da confirmação por outras fontes epistêmicas não-testemunhais. Em SER1, a ausência de razões para confiar no testemunho de T torna necessário que S dependa de outras fontes epistêmicas não-testemunhais para validar a veracidade de p para então aceitar o testemunho.

SER2: "S aceita o testemunho sustentado somente por T" e o não-reducionismo reidiano

Em SER2 encontramos situações em que, por várias razões, o sujeito epistêmico S não tem condições de avaliar a veracidade de uma afirmação p por si mesmo, ou então quando delibera por não o fazer. Nesses casos, S forma crenças verdadeiras com base em p, confiando exclusivamente na qualificação epistêmica da testemunha T. Isso engloba os casos de relatos testemunhais em que a aceitação se baseia unicamente no testemunho de T.

Um exemplo ilustrativo de SER2 ocorre quando um especialista em determinada área é consultado por alguém sem conhecimento naquela área específica. Por exemplo, um artista plástico que busca orientação médica para tratar de um determinado sintoma. Antes de consultar o médico, o artista plástico pode pedir recomendações à outras pessoas de sua confiança, que podem fornecer razões tanto positivas quanto negativas para atestar a qualificação do médico como profissional. Essas recomendações, que são testemunhos, podem fornecer razões suficientes e positivas para que o artista plástico decida buscar orientação com esse médico, aceitando assim o testemunho dele, especificamente, o resultado do diagnóstico do sintoma reclamado. Nesse caso, parece ser tanto racional quanto prático confiar nas recomendações de terceiros em vez de exigir que o artista plástico, sem conhecimento na área médica, busque, avalie e verifique outras fontes epistêmicas não-testemunhais relacionadas à uma área completamente diferente da sua. Caso contrário, seria necessário que o artista plástico adquirisse conhecimento prévio na área médica, o que é impraticável. Portanto, as razões positivas resultantes das recomendações são suficientes para que o artista plástico aceite o testemunho do médico recomendado como uma fonte confiável e única de conhecimento.

Thomas Reid (1997) contestou o reducionismo de Hume - caracterizando assim uma abordagem não-reducionista -, argumentando que o testemunho, como fonte epistêmica, pode operar de maneira semelhante a outras fontes epistêmicas. Reid (1997) usou o exemplo do aprendizado da língua materna, necessário para estabelecer a comunicação com o mundo externo, para sustentar sua objeção ao reducionismo Humeano. Esse aprendizado, segundo o autor, ocorre em um estado de total confiança por parte da criança no testemunho recebido dos pais e cuidadores e a aquisição de conhecimento por qualquer outra fonte epistêmica exigiria, antes de tudo, a aquisição do conhecimento testemunhal da linguagem. Reid (1997) defendeu também a existência de dois princípios fundamentais concedidos pelo Ser Supremo ao ser humano: o princípio natural da verdade e o princípio da credulidade. O primeiro princípio é a

inclinação natural do homem para a verdade, enquanto o segundo é a disposição inata para confiar na veracidade dos outros e acreditar no que lhes é dito. Nas palavras do autor:

O primeiro destes princípios é uma propensão para falar a verdade e usar os sinais da linguagem para expressar nossos sentimentos reais. Este princípio tem uma operação poderosa, mesmo nos maiores mentirosos; pois onde eles mentem uma vez, falam a verdade cem vezes. A verdade está sempre em primeiro plano e é o resultado natural da mente. Não requer arte, treinamento, indução ou tentação, apenas que cedamos a um impulso natural. [...] Outro princípio original implantado em nós pelo Ser Supremo é uma disposição para confiar na veracidade dos outros e acreditar no que eles nos dizem. Isso é a contrapartida do primeiro; e, assim como aquele pode ser chamado de princípio da veracidade, chamaremos este, por falta de um nome mais apropriado, de princípio da credulidade. Ele é ilimitado em crianças, até que se deparem com exemplos de engano e falsidade, e retém um grau muito considerável de força ao longo da vida" (REID, 1997, p.194, tradução nossa).

Segundo uma leitura de Reid (1997) feita por Pritchard (2006), existem situações em que o testemunho pode ser a única fonte epistêmica de conhecimento, como o exemplo da aquisição da língua materna. No entanto, o autor não assume, a partir de sua leitura, que o testemunho pode ser considerada uma fonte epistêmica independente e confiável em todos os casos de relações epistêmicas. Segundo Pritchard (2006):

A motivação para o credulismo, em contraste, é o pensamento de que o reducionismo coloca uma demanda excessivamente rigorosa no conhecimento testemunhal e, portanto, é essencial que permitamos que, em pelo menos alguns casos, se possa obter conhecimento testemunhal mesmo que o requisito reducionista sobre o conhecimento testemunhal não seja atendido" (PRITCHARD, 2006, p.20, tradução nossa).

Em uma outra leitura não-reducionista de Reid (1997), feita a partir do princípio natural da verdade e do princípio da credulidade, filósofos contemporâneos como Lackey (2008) e Nick (2023) defendem que, na ausência de refutações relevantes não derrotadas, os ouvintes podem adquirir conhecimento somente com base na credibilidade da testemunha, sem a necessidade de validar outras fontes epistêmicas. Embora essa visão tenha suscitado críticas, como a compatibilidade do testemunho com uma irracionalidade doxástica, essa leitura não-reducionista, que chamarei de "não-reducionismo reformulado" de Reid, é comumente aceita, conforme Lackey (2008) escreve:

De acordo com Reid, então, aceitar o testemunho dos outros não poderia exigir ter razões positivas não-testemunhais - como os reducionistas exigem - já que todos devemos confiar nos relatos de nossos pais e cuidadores muito antes de possuímos qualquer evidência sobre sua confiabilidade ou confiança. Assim, o testemunho é uma fonte irreduzível de conhecimento

(justificação/fundamento), em um patamar epistêmico com fontes que são frequentemente consideradas mais básicas, como percepção sensorial, memória e inferência indutiva" (LACKEY, 2008, p.155, tradução nossa).

Como discutido anteriormente em SER1, existem situações comuns em nossa vida cotidiana que tornam irracional acreditar que o testemunho pode ser considerado a única fonte epistêmica independente para todos os casos testemunhais. A interpretação de Pritchard (2006), a que chamarei de "não-reducionista original", portanto, acomoda a avaliação do testemunho proposta em SER2, especialmente em casos em que o testemunho pode ser considerado como fonte epistêmica independente e confiável, como no exemplo do médico e do artista plástico.

SER3: "S aceita o testemunho sustentado por t e também por P" e o dualismo epistêmico de J. Lackey

SER3 representa os casos de situações testemunhais em que S, mesmo diante de uma testemunha confiável T, sente a necessidade, em função da relevância do conteúdo p, de verificar outras fontes epistêmicas, preferencialmente não testemunhais. Uma mesma notícia falsa - como uma *fake news* como já exemplificado anteriormente - pode ser transmitida por uma testemunha altamente confiável ao sujeito epistêmico S, como por meio de um parente próximo como o pai ou a mãe de S. Neste caso, S não tem dúvidas quanto à confiabilidade de T, mas conclui quanto a necessidade de buscar a validação de p por meio de outras fontes epistêmicas, agora não testemunhais, uma vez que "S" assume um grau de incerteza relevante quanto à sua veracidade do testemunho recebido. Em circunstância oposta, como no exemplo do artista plástico que vai ao médico, é provável que mesmo o médico sendo altamente recomendado, o artista plástico, preocupado com a gravidade do diagnóstico recebido a partir de um exame médico confiável, busque um outro médico (igualmente recomendado) para uma segunda opinião a respeito do exame recebido. Enquanto no primeiro exemplo, S desconfia de p e por isso busca sua validação por meio de outra testemunha, no segundo exemplo S desconfia não de p, mas na capacidade epistêmica de T, que busca a validação de p por meio de outra testemunha também confiável. Em ambos os casos, S poderá formar crenças verdadeiras a partir de p somente quando T e também p forem validados epistemicamente.

Para atender a essa condição, Lackey (2008) rejeita as abordagens reducionistas e não-reducionistas, nas quais a aceitação do testemunho ocorre somente a partir de T ou a partir de p. Por meio da elaboração de casos epistêmicos hipotéticos, a autora desenvolve uma teoria dualista, argumentando que aspectos de ambas as abordagens necessitam ser levados em

consideração para que S aceite o testemunho de p dito por T. Desta forma, a autora pretende escapar das objeções aplicadas tanto ao reducionismo quanto ao não-reducionismo. Assim, antes de apresentar a teoria dualista de Lackey (2008), apresentarei as objeções que a autora faz a essas abordagens.

Rejeição ao reducionismo de Hume

Para Lackey (2008) e Nick (2023), os reducionistas se dividem entre os conceitos reducionismo global e reducionismo local. O primeiro entende o reducionismo como aplicação do princípio geral para todos os casos, onde S tem, de maneira geral, razões positivas não-testemunhais de que o testemunho é geralmente confiável. O segundo entende o reducionismo como a aplicação de um princípio aos casos particulares, onde S deve ter razões positivas não-testemunhais para aceitar o testemunho em questão. Lackey (2008) aponta três problemas enfrentados pelo reducionismo global. O primeiro problema do reducionismo global consiste no exemplo dado pelos não-reducionistas, já falado anteriormente, sobre a aquisição do conhecimento da língua materna. O segundo problema tem relação com a base amostral dos testemunhos considerados e dos outros tipos de fontes epistêmicas observados para verificação dos testemunhos, para que, indutivamente, S possa considerar que os testemunhos são geralmente confiáveis a partir da observação de um determinado número de casos particulares não testemunhais. Por último, Lackey (2008) questiona se faz sentido falar em assumir o testemunho como uma fonte geralmente confiável também em função da heterogeneidade dos testemunhos, onde o grau de confiabilidade não depende somente da natureza das fontes epistêmicas não testemunhais consideradas, mas também da testemunha que os apresenta.

Assim, diferente do reducionismo global, no reducionismo local a aceitação de um determinado testemunho depende de razões positivas não-testemunhais relativas ao testemunho em questão para que o mesmo seja aceito. Lackey (2008) apresenta um caso epistêmico hipotético de testemunho indireto (NESTED SPEAKER) como objeção ao reducionismo local. Em NESTED SPEAKER, Fred recebe de Pauline por recomendação de Helen. Fred conhece Helen há cinco anos e, durante esse tempo, Helen sempre se mostrou uma fonte confiável de informações, uma vez que Fred sempre teve oportunidade de obter comprovações não-testemunhais da veracidade das mesmas. Ocorreu que, em determinada situação, Helen recomendou Pauline como pessoa confiável no que se refere a informações sobre aves silvestres. Pauline relatou a Fred que são os albatrozes – e não os condores – as aves que

possuem maior envergadura entre as aves selvagens. Em virtude da recomendação de Helen, Fred aceitou a informação dada por Pauline, mesmo embora tenha descoberto depois que, apesar da informação ser verdadeira – os albatrozes realmente têm maior envergadura -, Pauline não era nem especialista no assunto como afirmava ser, como também era desonesta, pois o que afirmava era em função de uma crença pessoal e não com base em seu conhecimento em aves silvestres. Neste caso hipotético, Lackey (2008) alerta que, apesar de Fred possuir razões positivas não-testemunhais que atestavam a confiabilidade dos testemunhos de Helen, ocorreu o caso em que isso não necessariamente implica em uma garantia de que não poderá se deparar com testemunhos não confiáveis – não sendo assim razões positivas suficientes para aceitar um testemunho.

Rejeição ao não-reducionismo de Reid

Quanto ao não-reducionismo, Lackey (2008) apresenta uma situação hipotética em que Sam, ao passear na floresta, avista algo que se assemelha a um alienígena, perde-o de vista e, em seguida, encontra o que parece ser um diário escrito em inglês. Com base no conteúdo do diário, Sam forma a crença de que alienígenas foram devorados por tigres enquanto exploravam a Terra. Sam não possui conhecimento prévio sobre alienígenas, o que significa que não possui razões positivas que justifiquem o que está testemunhando através do diário, e não possui razões negativas em relação à confiabilidade do testemunho do alienígena. Além disso, em relação à informação obtida no diário sobre outros alienígenas sendo devorados por tigres, Sam não pode sequer avaliar se essa informação é irracional ou não. Para Lackey (2008), seria irracional que Sam, mesmo sem possuir razões negativas em relação à confiabilidade do testemunho alienígena, aceite o testemunho sem razões positivas para fazê-lo. Portanto, no caso do testemunho alienígena, a perspectiva não-reducionista - na qual o testemunho pode ser considerado uma fonte epistêmica independente na ausência de razões negativas que atestem contra a confiabilidade do testemunho – cede à perspectiva reducionista, sendo necessário, neste caso, recorrer a outras fontes epistêmicas que forneçam razões positivas para aceitar o testemunho.

Lackey (2008) rejeita, portanto, tanto a abordagem reducionista quanto a não-reducionista. Para a autora, no caso da objeção ao reducionismo no exemplo NESTED SPEAKER, mesmo que existam razões positivas provenientes de outras fontes epistêmicas para aceitar um determinado testemunho, ainda são necessárias razões que atestem a confiabilidade

do testemunho como fonte epistêmica para evitar assim a possibilidade de se deparar com falsos testemunhos. No caso da objeção ao não-reducionismo no exemplo do testemunho alienígena, mesmo que não existam razões que atestem contra a confiabilidade do testemunho como fonte epistêmica, é irracional para o sujeito epistêmico S aceitar o testemunho sobre um conhecimento novo sem recorrer a outras fontes epistêmicas, uma vez que não pode determinar previamente a racionalidade ou irracionalidade desse conhecimento. Por esse motivo, a autora defende a ideia de uma dependência mútua entre as duas abordagens, ou utilizando sua analogia, "são necessários dois para dançar o tango" (LACKEY, 2006, p. 177).

O Dualismo Epistêmico de J. Lackey

Lackey (2008) identifica que os problemas encontrados tanto pelo reducionismo quanto pelo não-reducionismo residem no fato de que ambos atribuem a responsabilidade epistêmica somente a uma das partes envolvidas. No reducionismo, cabe ao sujeito epistêmico S buscar outras fontes epistêmicas para validar e aceitar o testemunho. No não-reducionismo, a responsabilidade epistêmica recai necessariamente sobre os ombros da testemunha T, que relata o testemunho. Para a autora, ambas as abordagens "ignoram a contribuição epistêmica positiva que deve ser feita pelo outro" (LACKEY, 2008, p. 176, tradução nossa) e acredita que "o trabalho epistêmico positivo das crenças testemunhais não pode ser sustentado exclusivamente pelo ouvinte nem pelo falante" (LACKEY, 2008, p. 177, tradução nossa).

A autora defende, assim, a necessidade de considerar a natureza dual do testemunho, em que a participação epistêmica de ambas as partes, da testemunha e do sujeito epistêmico, contribui cada uma, de acordo com sua natureza, para a validação epistêmica do testemunho, incluindo "a necessidade de confiabilidade do falante (do não reducionismo) e a necessidade de razões positivas (do reducionismo)" (LACKEY, 2008, p. 177). Portanto, combinando as considerações reducionistas e não-reducionistas, a autora formaliza sua abordagem dualista:

D: Para cada falante, A, e ouvinte, B, B sabe (acredita com justificativa/garantia) que p com base no testemunho de A somente se: (D1) B acredita que p com base no conteúdo do testemunho de A, (D2) O testemunho de A é confiável ou de outra forma conducente à verdade, (D3) B é um receptor de testemunho confiável ou funcionando adequadamente, (D4) o ambiente em que B recebe o depoimento de A é adequado para a recepção de depoimentos confiáveis, (D5) B não tem derrotadores invictos (psicológicos ou normativos) para o testemunho de A, e (D6) B tem razões positivas apropriadas para aceitar o testemunho de A (LACKEY, 2008, p. 177, tradução nossa).

As condições de Lackey (2008) acima explicitam, assim, a necessidade de considerar a contribuição epistêmica conjunta das três variáveis propostas por Nick (2023), que representam a relação epistêmica presente em um testemunho quando em "T diz p para S". A abordagem dualística de Lackey (2008) acomoda perfeitamente as situações representadas em SER3: S deve aceitar o testemunho p dito por T quando ambas as premissas, a testemunha T e o conteúdo p, forem validados epistemicamente. Neste caso, D1 equivaleria à contribuição reducionista - aceitação do testemunho sustentado por p -, onde S acredita em p com base somente em seu conteúdo, e D6, onde S acredita em p com base na verificação do conteúdo de p com outros tipos de fontes epistêmicas. A contribuição não-reducionista - aceitação do testemunho sustentado por T - se dá nas premissas D2 e D5: em D2, S confia no testemunho T única e exclusivamente em T; em D5, S confia no testemunho T quando este não encontra razões negativas para não o fazer. Considero a premissa D3 como inerente a toda e qualquer relação epistêmica, a responsabilidade epistêmica inerente ao interesse do sujeito S na verdade do testemunho p. Em D4, por sua vez, Lackey (2008) explicita em sua teoria a condição para validação contextual do ambiente do testemunho – condição tal que considero implícita nas demais premissas, e tal distinção não influenciaria nos objetivos principais desta pesquisa.

SER4: "S rejeita o testemunho por falta de razões epistêmicas"

Por último, temos como condição resultante os tipos de testemunhos em que S não encontra, nem em T quanto em p, razões epistêmicas que justifiquem a aceitação do testemunho recebido. Por esse motivo, S o rejeita.

Conclusão

Até este ponto, apresentei as duas abordagens centrais para abordar o problema do testemunho: o reducionismo, que se origina nas ideias de Hume, e o não-reducionismo, uma resposta oferecida por Reid em oposição ao reducionismo. Dentro da abordagem não-reducionista de Reid, fiz uma distinção entre duas interpretações: a leitura de Pritchard (2006), à qual chamei de "não-reducionismo original", e a leitura de Lackey (2008) e Nick (2023), que rotulei como "não-reducionismo reformulado". Além disso, apresentei a teoria dualística de Lackey (2008) como uma alternativa ao não-reducionismo reformulado e ao reducionismo. Essa diferenciação entre as interpretações não-reducionistas, em especial, fornece condições

para abordar o problema do testemunho de uma outra forma.

Aqueles que adotam o não-reducionismo original buscam critérios que auxiliem o sujeito epistêmico S a discernir quando deve considerar o testemunho como uma fonte epistêmica independente, enquanto os defensores do não-reducionismo reformulado buscam argumentos e criam condições que permitam que o testemunho seja considerado como a única fonte epistêmica como regra geral para todos os relatos testemunhais. Essa distinção entre as interpretações não-reducionistas, permite concluir acerca de três posturas principais em relação ao problema do testemunho:

- Postura 1 (Tabela 1: T ou p): Esta postura admite a existência de casos em que S aceitará o testemunho com base exclusivamente na confiança estabelecida na testemunha T e casos em que S poderá aceitar o testemunho apenas com base na veracidade de p.
- Postura 2 (SER1, SER2): Esta postura pressupõe que devemos escolher entre as abordagens reducionistas e não-reducionistas, onde o testemunho deve ser aceito com base apenas nas condições de uma dessas abordagens, refletindo o debate clássico entre reducionismo e não-reducionismo.
- Postura 3 (SER 3): Esta postura, defendida pela teoria dualista de Lackey (2008), argumenta que o testemunho deve ser aceito com base tanto na confiabilidade da testemunha T quanto na veracidade de p obtida por meio de outras fontes não-testemunhais.

Como uma outra forma de tratar o problema do testemunho, a Postura 1 admite a possibilidade de existirem testemunhos em que um sujeito epistêmico S (adulto) pode optar por aceitar o testemunho exclusivamente com base na relação de confiança com a testemunha T. Em tais casos, S pode não ter os recursos ou disponibilidade para verificar outras fontes epistêmicas, e a confiança em T pode ser suficiente para aceitar o testemunho recebido. Por outro lado, existem testemunhos em que não é possível ou onde não existem recursos para verificar a confiabilidade da testemunha, como no caso de testemunhos virtuais, onde não há uma relação direta entre S e T. Nessas situações, S pode optar por aceitar o testemunho somente com base na veracidade de p obtida por meio de outras fontes epistêmicas não-testemunhais, como a verificação e levantamento de informações em fontes confiáveis como no caso das *fake news*.

Frente a esses casos reais de testemunhos, defendo a Postura 1, em que a aceitação pode ocorrer com base em qualquer uma das abordagens reducionista ou não-reducionista em vez da Postura 2, estritamente limitada a apenas uma delas. Pelo mesmo motivo, rejeito também a

Postura 3, defendida pela teoria dualista de Lackey (2008), uma vez que existem casos reais relevantes de testemunhos em que S pode deliberar sobre a aceitação do testemunho sem a necessidade de cumprir os requisitos de ambas as abordagens. Em outras palavras, a aceitação do testemunho pode ocorrer alternativamente com base em T ou p, englobando as situações de testemunhos representadas em SER1, SER2 e SER3: não somente quando T (abordagem não-reducionista), não somente quando p (abordagem reducionista), não somente quando T e p (abordagem dualista de Lackey (2008), mas sim quando T ou p forem epistemicamente verdadeiros.

A Postura 1 também oferece uma vantagem relacionada ao desenvolvimento das capacidades epistêmicas do sujeito S sobre as demais posturas. Enquanto na Postura 2, S desenvolve apenas uma das duas capacidades epistêmicas necessárias para avaliar os testemunhos - se concentrando ou em desenvolver capacidades cognitivas para avaliar a confiabilidade das testemunhas ou para validar a veracidade das informações de outras fontes epistêmicas não-testemunhais - na Postura 3, baseada na teoria dualista de Lackey (2008), é necessário que S desenvolva ambas as capacidades epistêmicas para avaliar os testemunhos. No entanto, em SER3, a Postura 1 apresenta a mesma vantagem da Postura 3, ao mesmo tempo em que promove também o desenvolvimento de uma capacidade epistêmica adicional em S: a capacidade de deliberar sobre o tipo de avaliação a ser dado ao testemunho recebido: se é um caso de SER1, SER2 ou de SER3. Em termos de desenvolvimento de capacidades epistêmicas, em S a Postura 1 apresenta uma capacidade exclusiva em relação às demais: o desenvolvimento da capacidade de deliberação quanto à identificação do tipo de avaliação testemunhal.

No que diz respeito ao erro epistêmico, que ocorre quando crenças verdadeiras são formadas a partir de informações falsas, esse risco está presente em todas as posturas, na medida em que sempre existe a possibilidade de que a testemunha T, mesmo sendo confiável para S, possa estar enganada em relação a p. Da mesma forma, sempre existe a possibilidade de S também errar ao verificar a veracidade de p por meio de outras fontes epistêmicas não-testemunhais. A Postura 3, no entanto, apresenta uma vantagem e uma desvantagem. A vantagem é que a probabilidade de erro epistêmico é menor para Lackey (2008), pois depende de um "duplo-aceite": aceitar a confiabilidade de T e também a veracidade de p. Por outro lado, a desvantagem é que a probabilidade de ocorrência de testemunhos "falsos-negativos" é maior, ou seja, aumentam as chances de S rejeitar um testemunho verdadeiro porque uma das condições epistêmicas não foi atendida como nos exemplos apresentados em SER3. Por fim, na Postura 1, as chances de ocorrência de erro epistêmico e de testemunhos "falsos-negativos"

dependem da capacidade epistêmica de S em deliberar sobre o tipo de SER. Quanto melhor for a capacidade epistêmica de S em determinar o tipo de testemunho - SER1, SER2, SER3 ou SER4 -, menores serão as chances de erros epistêmicos e de rejeições de testemunhos verdadeiros.

Proponho, portanto, o estudo da postura 1 como uma tentativa de construção de uma abordagem integrativa e complementar, ao considerar ambas as abordagens, reducionista e não-reducionista de acordo com o tipo de testemunho, caracterizando assim o que poderíamos chamar de um "dualismo aberto". Para isso tomo como pressuposto a interpretação de Reid (1997) feita por Pritchard (2006), que reconhece a existência de casos em que podemos considerar o testemunho como a única fonte epistêmica e casos em que não. A postura 1 aproveita assim a ideia de contribuição epistêmica defendida pela teoria dualista de Lackey (2008) - a que denomino de um dualismo restritivo - renunciando ao rigorismo em evitar o erro epistêmico, e possibilitando que por meio de uma capacidade epistêmica deliberativa, o sujeito epistêmico dê conta de avaliar com maior eficácia os tipos de testemunhos que enfrenta. Em termos de desvantagens, a postura 1 reconhece as mesmas desvantagens epistêmicas já apresentadas também para as demais posturas.

Referências

FRICKER, Elisabeth. "Critical Notice: Telling and Trusting: Reductionism and Anti-Reductionism in the Epistemology of Testimony". *Mind*.

<https://doi.org/10.1093/mind/104.414.393>, v. 104, n. 414, p. 393-411, 1 abril 1995.

GREEN, Christopher R. Epistemology of Testimony. *Internet Encyclopedia of Philosophy*.

ISSN 2161-0002. Disponível em: <https://iep.utm.edu/ep-testi/>. Acesso em: 24 set. 2023.

HUME, David. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*.

Tradução José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: UNESP, 2003.

LACKEY, Jennifer. It Takes Two to Tango: Beyond Reductionism and Non-Reductionism in the Epistemology of Testimony". In: LACKEY, Jennifer; SOSA, Ernest. *The Epistemology of Testimony*. New York, USA: Oxford University Press, USA, 2006. cap. 8, p. 160-192.

LACKEY, Jennifer. *Learning from Words: Testimony as a Source of Knowledge*. New York, USA: OUP Oxford, f. 154, 2008. 308 p.

LEGG, Catherine; HOOKWAY, Christopher. Pragmatism. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2021. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/pragmatism/>. Acesso em: 24 set. 2023.

NICK, Leonard. Epistemological Problems of Testimony. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2021. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2023/entries/testimony-episprob/>. Acesso em: 24 set. 2023.

PRITCHARD, Duncan. A Defence of Quasi-Reductionism in the Epistemology of Testimony. *Philosophica*, v. 2, n. 78, p. 13-28, 2006.

REID, Thomas. *An Inquiry Into the Human Mind: on the Principles of Common Sense*. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 1997. (Critical ed.).

VAN CLEVE, James. Reid on the Credit of Human Testimony. In: LACKEY, Jennifer; SOSA, Ernest. *The Epistemology of Testimony*. New York, USA: Oxford University Press, USA, 2006. cap. 2, p. 50-76.